

## VOCÊ DEVE SABER!

- Linguagem formal versus linguagem informal
- Língua falada versus língua escrita
- Variação diatópica
- Variação diacrônica
- Variação diastrática

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

1. (ENEM PPL) – Não, mãe. Perde a graça. Este ano, a senhora vai ver. Compro um barato.
- Barato? Admito que você compre uma lembrancinha barata, mas não diga isso a sua mãe. É fazer pouco-caso de mim.
  - Ih, mãe, a senhora está por fora mil anos. Não sabe que barato é o melhor que tem, é um barato!
  - Deixe eu escolher, deixe...
  - Mãe é ruim de escolha. Olha aquele blazer furado que a senhora me deu no Natal!
  - Seu porcaria, tem coragem de dizer que sua mãe lhe deu um blazer furado?
  - Viu? Não sabe nem o que é furado? Aquela cor já era, mãe, já era!

ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

O modo como o filho qualifica os presentes é incompreendido pela mãe, e essas escolhas lexicais revelam diferenças entre os interlocutores, que estão relacionadas

- a) à linguagem infantilizada.
  - b) ao grau de escolaridade.
  - c) à dicotomia de gêneros.
  - d) às especificidades de cada faixa etária.
  - e) à quebra de regras da hierarquia familiar.
2. (ENEM 2011) **Mandioca - mais um presente da Amazônia**

*Aipim, castelinha, macaxeira, maniva, maniveira*. As designações da *Manihot utilissima* podem variar de região, no Brasil, mas uma delas deve ser levada em conta em todo o território nacional: *pão-de-pobre* — e por vários motivos óbvios. Rica em fécula, a mandioca — uma planta rústica e nativa da Amazônia disseminada no mundo inteiro, especialmente pelos colonizadores portugueses — é a base de sustento de muitos brasileiros e o único alimento disponível para mais de 600 milhões de pessoas em vários pontos do planeta, e em particular em algumas regiões da África.

*O melhor do Globo Rural*. Fev. 2005 (fragmento).

De acordo com o texto, há no Brasil uma variedade de nomes para a *Manihot utilissima*, nome científico da mandioca. Esse fenômeno revela que

- a) existem variedades regionais para nomear uma mesma espécie de planta.
- b) mandioca é nome específico para a espécie existente na região amazônica.
- c) “pão-de-pobre” é designação específica para a planta da região amazônica.

- d) os nomes designam espécies diferentes da planta, conforme a região.
- e) a planta é nomeada conforme as particularidades que apresenta.

3. (ENEM 2021) Os linguistas têm notado a expansão do tratamento informal. “Tenho 78 anos e devia ser tratado por senhor, mas meus alunos mais jovens me tratam por *você*”, diz o professor Ataliba Castilho, aparentemente sem se incomodar com a informalidade, inconcebível em seus tempos de estudante. O *você*, porém, não reinará sozinho. O *tu* predomina em Porto Alegre e convive com o *você* no Rio de Janeiro e em Recife, enquanto *você* é o tratamento predominante em São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador. O *tu* já era mais próximo e menos formal que *você* nas quase 500 cartas do acervo on-line de uma instituição universitária, quase todas de poetas, políticos e outras personalidades do final do século XIX e início do XX.

Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 21 abr. 2015 (adaptado).

No texto, constata-se que os usos de pronomes variaram ao longo do tempo e que atualmente têm empregos diversos pelas regiões do Brasil. Esse processo revela que

- a) a escolha de “você” ou de “tu” está condicionada à idade da pessoa que usa o pronome.
- b) a possibilidade de se usar tanto “tu” quanto “você” caracteriza a diversidade da língua.
- c) o pronome “tu” tem sido empregado em situações informais por todo o país.
- d) a ocorrência simultânea de “tu” e de “você” evidencia a inexistência da distinção entre níveis de formalidade.
- e) o emprego de “você” em documentos escritos demonstra que a língua tende a se manter inalterada.

4. (ENEM PPL) **Lisboa: aventuras**

tomei um expresso  
cheguei de foguete  
subi num bonde  
desci de um elétrico  
pedi um cafezinho  
serviram-me uma bica  
quis comprar melas  
só vendiam peúgas  
fui dar a descarga  
disparei um autoclisma  
gritei “ó cara!”  
responderam-me «ó pá»  
positivamente  
as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá.

PAES, J. P. *A poesia está morta mas juro que não fui eu*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

No texto, a diversidade linguística é apresentada pela ótica de um observador que entra em contato com uma comunidade linguística diferente da sua. Esse observador é um

- falante do português brasileiro relatando o seu contato na Europa com o português lusitano.
- imigrante em Lisboa com domínio dos registros formal e informal do português europeu.
- turista europeu com domínio de duas variedades do português em visita a Lisboa.
- português com domínio da variedade coloquial da língua falada no Brasil.
- poeta brasileiro defensor do uso padrão da língua falada em Portugal.

5. **(ENEM) Assum preto**

Tudo em vorta é só beleza  
Sol de abril e a mata em frô  
Mas assum preto, cego dos óio  
Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança  
Ou mardade das pió  
Furaro os óio do assum preto  
Pra ele assim, ai, cantá mio

Assum preto veve sorto  
Mas num pode avuá  
Mil veiz a sina de uma gaiola  
Desde que o céu, ai, pudesse oiá  
GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. Disponível em: [www.luizgonzaga.mus.br](http://www.luizgonzaga.mus.br). Acesso em: 30 jul. 2012 (fragmento).

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de *Assum preto* resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra a

- pronúncia das palavras “vorta” e “veve”.
- pronúncia das palavras “tarvez” e “sorto”.
- flexão verbal encontrada em “furaro” e “cantá”.
- redundância nas expressões “cego dos óio” e “mata em frô”.
- pronúncia das palavras “ignorança” e “avuá”

6. **(ENEM PPL 2020) Vaca Estrela e Boi Fubá**

Seu doutô, me dê licença  
Pra minha história contar  
Hoje eu tô em terra estranha  
É bem triste o meu penar  
Eu já fui muito feliz  
Vivendo no meu lugar  
Eu tinha cavalo bão  
Gostava de campear  
Todo dia eu aboiava  
Na porteira do currá

[...]

Eu sou fio do Nordeste  
Não nego meu naturá  
Mas uma seca medonha  
Me tangeu de lá pra cá

PATATIVA DO ASSARÉ. Intérpretes:  
PENA BRANCA; XAVANTINHO; TEIXEIRA, R *Ao vivo em Tatuí*.  
Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1992 (fragmento).

Considerando-se o registro linguístico apresentado, a letra dessa canção

- exalta uma forma específica de dizer.
- utiliza elementos pouco usuais na língua.
- influencia a maneira de falar do povo brasileiro.
- discute a diversidade lexical de um dado grupo social.
- integra o patrimônio linguístico do português brasileiro.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

### 1. (ENEM DIGITAL 2020)

**Vender ou permitir o consumo de álcool por menores não é legal. Mais que uma gíria, é a lei.**



Disponível em: [www.inbatatais.com.br](http://www.inbatatais.com.br). Acesso em: 8 maio 2012.

No anúncio sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores, a linguagem formal interage com a linguagem informal quando o autor

- desrespeita a regência padrão para ampliar o alcance da publicidade.
  - elabora um jogo de significados ao utilizar a palavra “legal”.
  - apoia-se no emprego de gírias para se fazer entender.
  - utiliza-se de metalinguagem ao jogar com as palavras “legal” e “lei”.
  - esclarece que se trata de uma lei ao compará-la a uma proibição.
2. (G1 - IFAL 2017) Leia atentamente os textos abaixo e assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

#### Texto 1

A casa era edificada com a arquitetura simples e grosseira, que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janelas de frente, baixas, largas, quase quadradas.

Do lado direito estava a porta principal do edifício, que dava sobre um pátio cercado por uma estacada, coberta de melões agrestes. Do lado esquerdo estendia-se até à borda da esplanada uma asa do edifício, que abria duas janelas sobre o desfiladeiro da rocha. No ângulo que esta asa fazia com o resto da casa, havia uma coisa que chamaremos jardim, e de fato era uma imitação graciosa de toda a natureza rica vigorosa e esplêndida, que a vista abraçava do alto do rochedo.

José de Alencar, *O Guarani*. São Paulo, Ática, 1992.

#### Texto 2

Subitamente um cavalheiro aproximou-se do assaltante com um palmo de sorriso. Colocou-se entre ele e a moça.

– Batista, você! Há quanto tempo! Ainda esta semana conversei com seu tio no supermercado! Me dê um abraço, amigão! Mas, o que é isso? Vai sair por aí com esse baú cheio de dinheiro? Não tem medo de ladrões, não?

Batista olhou para o chão mas não viu buraco algum para esconder-se.

A caixa, sorrindo, ao amigo dele:

Seu Batista não vai sair com esse dinheiro, não; ele veio depositar...

Marcos Rey, *O coração roubado e outras crônicas*. Coleção para gostar de ler, v. 19. São Paulo. Ática, 1996.

Os textos acima são exemplos, respectivamente, de

- linguagem coloquial e linguagem culta.
- linguagem culta e linguagem coloquial.
- linguagem culta e linguagem formal.
- linguagem familiar e linguagem informal.
- linguagem coloquial e linguagem formal.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. <sup>1</sup>Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que <sup>2</sup>a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? <sup>3</sup>Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, “tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. <sup>5</sup>Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A venda delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesmice uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV –aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências,

artes –é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)

3. (ITA 2012) Das opções abaixo, a única que não apresenta linguagem informal é
- Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo. (ref.1)
  - [...] a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal. (ref.2)
  - Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode. (ref.3)
  - [...] tipo uma parede toda de filtros de café usados. [...]. (ref.4)
  - Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar. (ref.5)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(<http://fotolog.terra.com.br>)

4. (UEA 2014) No primeiro e terceiro quadrinhos, as expressões *licencinha*, *tô passando* e *lascou* exemplificam o emprego de
- uma modalidade agramatical.
  - uma variante considerada padrão.
  - uma linguagem vulgar e ofensiva.
  - um discurso neutro e formal.
  - um registro coloquial e informal.

5. (G1 - UTFPR 2016) Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé de alferes, arastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. (...)

Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar o sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano. Estes, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n’água.

Carlos Drummond de Andrade

Sobre o excerto acima, retirado da crônica “Antigamente”, assinale a alternativa correta.

- a) A linguagem culta formal é opção feita pelo autor, mas acaba sendo prejudicada pelos arcaísmos, que tornam o texto obsoleto.
- b) A linguagem do texto apoia-se em uma variante linguística que demonstra o movimento de mudanças constantes que as línguas sofrem, através do tempo.
- c) Por empregar expressões em desuso, existentes apenas nos dicionários, o texto desperta interesse apenas dos mais idosos.
- d) Contém erros grosseiros, como o uso de palavra estrangeira, expressões incompreensíveis como “pé de alferes”, “faziam o quilo”, “de pouco siso” etc.
- e) O saudosismo do autor confere ao texto um tom muito triste, nostálgico.
6. (G1 - CFTMG 2020) De repente, ele começou a gritar:

– Pare! Pare já com isso! Não suporto ninguém se fingindo de bom moço por mais de cinco minutos. E o senhor já está aqui há dez!

Fiquei sem ação, de novo. O que ele queria que eu fizesse? Chamasse-o de “mano”, “veio”, “bróder”?

A vontade de ir embora bateu outra vez.

Ele respirou fundo, pigarreou e recomeçou:

– Na verdade, é mais uma aposta do que uma pesquisa... Um professor inglês, que conheci pela rede, apostou comigo que eu não conseguiria encontrar as frases-chave em três peças do Shakespeare.

Eu entendi e não entendi. Depois de um instante, deduzi que “rede” queria dizer internet.

LACERDA, Rodrigo. *O Fazedor de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 56.

O trecho evidencia que, entre o narrador e o professor, há marcas de variação linguística fundamentadas na diferença de

- a) faixa etária.
- b) classe social.
- c) região geográfica.
- d) nível de escolarização.

7. (ENEM PPL 2018) O tradicional ornato para cabelos, a tiara ou diadema, já foi uma exclusividade feminina. Na origem, tanto “tiara” quanto “diadema” eram palavras de bom berço. “Tiara” nomeava o adorno que era o signo de poder entre os poderosos da Pérsia antiga e povos como os frísios, os bizantinos e os etíopes. A palavra foi incorporada do Oriente pela Grécia e chegou até nós por via latina, para quem queria referir-se à mitra usada pelos persas. Diadema era a faixa ou tira de linho fino colocado na cabeça pelos antigos latinos, herança do derivado grego para *diádo* (atar em volta, segundo o Houaiss). No Brasil, a forma de arco ou de laço das tiaras e alguns usos específicos (o nordestino “gigolete” faz alusão ao ornato usado por cafetinas, versões femininas do “gigolô”) produziram novos sinônimos regionais do objeto.

Os sinônimos da tiara. *Língua Portuguesa*, n. 23, 2007 (adaptado).

No texto, relata-se que o nome de um enfeite para cabelo assumiu diferentes denominações ao longo da história. Essa variação justifica-se pelo(a)

- a) distanciamento de sentidos mais antigos.
- b) registro de fatos históricos ocorridos em uma dada época.
- c) associação a questões religiosas específicas de uma sociedade.
- d) tempo de uso em uma comunidade linguística.
- e) utilização do objeto por um grupo social.

8. (ENEM 2ª APLICAÇÃO 2016) Da corrida de submarino à festa de aniversário no trem

*Leitores fazem sugestões para o Museu das Invenções Cariocas*

“Falar ‘caraca!’ a cada surpresa ou acontecimento que vemos, bons ou ruins, é invenção do carioca, como também o ‘vacilão.’”

“Cariocas inventam um vocabulário próprio”. “Dizer ‘merrmão’ e ‘é merrmo’ para um amigo pode até doer um pouco no ouvido, mas é tipicamente carioca.”

“Pedir um ‘choro’ ao garçom é invenção carioca.”

“Chamar um quase desconhecido de ‘querido’ é um carinho inventado pelo carioca para tratar bem quem ainda não se conhece direito.”

“O ‘ele é um querido’ é uma forma mais feminina de elogiar quem já é conhecido.”

SANTOS, J. F. Disponível em: [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com). Acesso em: 6 mar. 2013 (adaptado).

Entre as sugestões apresentadas para o Museu das Invenções Cariocas, destaca-se o variado repertório linguístico empregado pelos falantes cariocas nas diferentes situações específicas de uso social.

A respeito desse repertório, atesta-se o(a)

- a) desobediência à norma-padrão, requerida em ambientes urbanos.
- b) inadequação linguística das expressões cariocas às situações sociais apresentadas.
- c) reconhecimento da variação linguística, segundo o grau de escolaridade dos falantes.
- d) identificação de usos linguísticos próprios da tradição cultural carioca.
- e) variabilidade no linguajar carioca em razão da faixa etária dos falantes.

9. (ENEM PPL 2020) De acordo com alguns estudos, uma inovação do português brasileiro é o *R* caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em *porrrta* ou *carrne*.

Associar o *R* caipira apenas ao interior paulista é uma imprecisão geográfica e histórica, embora o *R* tenha sido uma das marcas do estilo matuto do ator Mazaropi em 32 filmes. Seguindo as rotas dos bandeirantes paulistas em busca de ouro, os linguistas encontraram o *R* supostamente típico de São Paulo em cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, formando um modo de falar similar ao português do século XVIII.

Quem tiver paciência e ouvido apurado poderá encontrar também na região central do Brasil o *S* chiado, uma característica típica do falar carioca que veio com os portugueses em 1808 e era um sinal de prestígio por representar o falar da Corte. A história da língua portuguesa no Brasil está revelando as características preservadas do português, como a troca do *L* pelo *R*, resultando em *pranta* em vez de *planta*. Camões registrou essa troca em *Os Lusíadas* – lá está um *frautas* no lugar de *flautas* –, e o cantor e compositor paulista Adoniran Barbosa a deixou registrada em frases como “frechada do teu olhar”, do samba *Tiro ao Álvaro*.

FIORAVANTI, C. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Com base na afirmação de que “associar o *R* caipira apenas ao interior paulista é uma imprecisão geográfica e histórica”, o texto propõe uma discussão sobre a(s)

- a) relevância da fala de prestígio na época da Corte portuguesa.
- b) inovação do português brasileiro sem equivalente em Portugal.
- c) razões históricas do preconceito sobre a fala regional no Brasil.
- d) importância do estudo, da preservação e do respeito à língua falada no Brasil.
- e) variedade de uso da língua, característica da literatura e da música brasileiras

## 10. (ENEM 2015) Essa pequena

Meu tempo é curto, o tempo dela sobra  
 Meu cabelo é cinza, o dela é cor de abóbora  
 Temo que não dure muito a nossa novela, mas  
 Eu sou tão feliz com ela  
 Meu dia voa e ela não acorda  
 Vou até a esquina, ela quer ir para a Flórida  
 Acho que nem sei direito o que é que ela fala, mas  
 Não canso de contemplá-la  
 Feito avarento, conto os meus minutos  
 Cada segundo que se esvai  
 Cuidando dela, que anda noutro mundo  
 Ela que esbanja suas horas ao vento, ai  
 Às vezes ela pinta a boca e sai  
 Fique à vontade, eu digo, take your time  
 Sinto que ainda vou penar com essa pequena, mas  
 O blues já valeu a pena

CHICO BUARQUE. Disponível em: [www.chicobuarque.com.br](http://www.chicobuarque.com.br).

Acesso em: 31 jun. 2012.

O texto *Essa pequena* registra a expressão subjetiva do enunciador, trabalhada em uma linguagem informal, comum na música popular. Observa-se, como marca da variedade coloquial da linguagem presente no texto, o uso de

- a) palavras emprestadas de língua estrangeira, de uso inusitado no português.
- b) expressões populares, que reforçam a proximidade entre o autor e o leitor.
- c) palavras polissêmicas, que geram ambiguidade.
- d) formas pronominais em primeira pessoa.
- e) repetições sonoras no final dos versos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Ora pois, uma língua bem brasileira

A possibilidade de ser simples, dispensar elementos gramaticais teoricamente essenciais e responder “sim, comprei”, quando alguém pergunta “você comprou o carro?”, é uma das características que conferem flexibilidade e identidade ao português brasileiro. A análise de documentos antigos e de entrevistas de campo ao longo dos últimos 30 anos está mostrando que o português brasileiro já pode ser considerado único, diferente do português europeu, do mesmo modo que o inglês americano é distinto do inglês britânico. O português brasileiro ainda não é, porém, uma língua autônoma: talvez seja – na previsão de especialistas, em cerca de 200 anos – quando acumular peculiaridades que nos impeçam de entender inteiramente o que um nativo de Portugal diz. A expansão do português no Brasil, as variações regionais com suas possíveis explicações, que fazem o urubu de São Paulo ser chamado de corvo no Sul do país, e as raízes das inovações da linguagem estão emergindo por meio do trabalho de cerca de 200 linguistas. De acordo com estudos da Universidade de São Paulo (USP), uma inovação do português brasileiro, por enquanto sem equivalente em Portugal, é o R caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em porrrta ou carrme.

Associar o R caipira apenas ao interior paulista, porém, é uma imprecisão geográfica e histórica, embora o R desavergonhado tenha sido uma das marcas do estilo matuto do ator Amácio Mazzaropi em seus 32 filmes, produzidos de 1952 a 1980. Seguindo as rotas dos bandeirantes paulistas em busca de ouro, os linguistas encontraram o R supostamente típico de São Paulo em cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, formando um modo de falar similar ao português do século XVIII. Quem tiver paciência e ouvido apurado poderá encontrar também na região central do Brasil – e em cidades do litoral – o S chiado, uma característica hoje típica do falar carioca que veio com os portugueses em 1808 e era um sinal de prestígio por representar o falar da Corte. Mesmo os portugueses não eram originais: os especialistas argumentam que o S chiado, que faz da esquina uma shquina, veio dos nobres franceses, que os portugueses admiravam. [...]

Os documentos antigos evidenciam que o português falado no Brasil começou a se diferenciar do europeu há pelo menos quatro séculos. Uma indicação dessa separação é o *Memórias para a história da capitania de São Vicente*, de 1793, escrito por frei Gaspar da Madre de Deus, nascido em São Vicente, e depois reescrito pelo português Marcelino Pereira Cleto, que foi juiz em Santos. Comparando as duas versões, José Simões, da USP, encontrou 30 diferenças entre o português brasileiro e o europeu. Uma delas é encontrada ainda hoje: como usuários do português brasileiro, preferimos explicitar os sujeitos das frases, como em “o rapaz me vendeu o carro, depois ele saiu correndo e ao atravessar a rua ele foi atropelado”. Em português europeu, seria mais natural omitir o sujeito, já definido pelo tempo verbal – “o rapaz vendeu-me o carro, depois saiu a correr...” –, resultando em uma construção gramaticalmente impecável, embora nos soe um pouco estranha.

Um morador de Portugal, se lhe perguntarem se comprou um carro, responderá com naturalidade “sim, comprei-o”, explicitando o complemento do verbo, “mesmo entre falantes pouco escolarizados”, observa Simões. Ele nota que os portugueses usam mesóclise – “dar-lhe-ei um carro, com certeza!” –, que soaria pernóstica no Brasil. Outra diferença é a distância entre a língua falada e a escrita no Brasil. Ninguém fala muito, mas muito. O pronome você, que já é uma redução de vossa mercê e de vosmecê, encolheu ainda mais, para cê, e grudou no verbo: cevai?

“A língua que falamos não é a que escrevemos”, diz Simões, com base em exemplos como esses. “O português escrito e o falado em Portugal são mais próximos, embora também existam diferenças regionais.” Simões complementa as análises textuais com suas andanças por Portugal. “Há 10 anos meus parentes de Portugal diziam que não entendiam o que eu dizia”, ele observa. “Hoje, provavelmente por causa da influência das novelas brasileiras na televisão, dizem que já estou falando um português mais correto”.

“Conservamos o ritmo da fala, enquanto os europeus começaram a falar mais rápido a partir do século XVIII”, observa Ataliba Castilho, professor emérito da USP, que, nos últimos 40 anos, planejou e coordenou vários projetos de pesquisa sobre o português falado e a história do português do Brasil. “Até o século XVI”, diz ele, “o português brasileiro e o europeu eram como o espanhol, com um corte silábico duro. A palavra falada era muito próxima da escrita”. Célia Lopes acrescenta outra diferença: o português brasileiro conserva a maioria das vogais, enquanto os europeus em geral as omitem, ressaltando as consoantes, e diriam ‘tulfón’ para se referir ao telefone.

Há também muitas palavras com sentidos diferentes de um lado e de outro do Atlântico. Os estudantes das universidades privadas não pagam mensalidade, mas propina. Bolsista é bolseiro. Como os europeus não adotaram algumas palavras usadas no Brasil, a exemplo de bunda, de origem africana, podem surgir situações embaraçosas. Vanderci Aguilera, professora sênior da Universidade Estadual de Londrina (UEL), levou uma amiga portuguesa a uma loja. Para ver se um vestido que acabava de experimentar caía bem às costas, a amiga lhe perguntou: “O que achas do meu rabo?”.

FIORAVANTI, Carlos. In: *Revista Pesquisa FAPESP*, ed. 2030, abr. 2015. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/>>. Acesso em: 01 ago. 2015. (Texto adaptado).

## 11. (PUCMG 2016)

- I. “Não é preciso adotar um outro nome para a nossa língua, como já foi proposto em tempos passados, quando se falou da “língua brasileira”. O nome português brasileiro já dá conta de mostrar as diferenças. O importante é reconhecer essas diferenças, deixar de considerar que elas são “erros”, e sim admitir que se trata de regras gramaticais características da língua falada aqui.” (Marcos Bagno).
- II. “Por meio de nossa cultura podemos afirmar uma visão de mundo, um modo de vida, projetos de civilização fundados em estratégias generosas e abrangentes. [...] O português de Portugal, o português que emerge nos países africanos e a língua que é falada no Brasil formam um só idioma. Não tenho dúvidas que uma ortografia comum, como parte de uma maior interação cultural, nos dará a grandeza e dimensão que nossos artistas e escritores projetam.” (Juca Ferreira).
- III. “Em países de colonização, como o Brasil, dá-se o processo do que chamamos heterogeneidade linguística pelo qual a língua funciona em uma identidade dupla. Desse modo, línguas que são consideradas as mesmas, porque se historicizam de maneiras diferentes em sua relação com a formação dos países, são línguas diferentes. Ou seja, falamos a “mesma” língua, no caso do português do Brasil e o de Portugal, mas falamos diferente. Assim podemos dizer que essas línguas diferem porque produzem discursos diferentes, significam diferentemente.” (Eni Orlandi).

Argumentos semelhantes àqueles utilizados pelo autor para afirmar a especificidade do português falado no Brasil podem ser encontrados nos fragmentos

- I, II e III.
- I e II, apenas.
- I e III, apenas.
- II e III, apenas.

12. (ENEM PPL 2011) Foi sempre um gaúcho quebralhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas. Se numa mesa de primeira ganhava uma ponchada de balastracas, reunia a gurizada da casa, fazia pi! pi! pi! como pra galinhas e semeava as moedas, rindo-se do formigueiro que a miuçada formava, catando as pratas no terreiro. Gostava de sentar um laçoço num cachorro, mas desses laçoços de apanhar da palheta à virilha, e puxado a valer, tanto que o bicho que o tomava, de tanto sentir dor, e lombeando-se, depois de disparar um pouco é que gritava, num caim! caim! caim! de desespero.

LOPES NETO, J. S. Contrabandista. In: SALES, H. (org). *Antologia de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001 (adaptado).

A língua falada no Brasil apresenta vasta diversidade, que se manifesta de acordo com o lugar, a faixa etária, a classe social, entre outros elementos. No fragmento do texto literário, a variação linguística destaca-se

- por inovar na organização das estruturas sintáticas.
- pelo uso de vocabulário marcadamente regionalista.
- por distinguir, no diálogo, a origem social dos falantes.
- por adotar uma grafia típica do padrão culto, na escrita.
- pelo entrelaçamento de falas de crianças e adultos.

13. (ENEM 2ª APLICAÇÃO 2010) Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el – carnavau, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer.

Queiroz, R. *O Estado de São Paulo*. 09 maio 1998 (fragmento adaptado).

Raquel de Queiroz comenta, em seu texto, um tipo de variação linguística que se percebe no falar de pessoas de diferentes regiões. As características regionais exploradas no texto manifestam-se

- na fonologia.
- no uso do léxico.
- no grau de formalidade.
- na organização sintática.
- na estruturação morfológica.

14. (ENEM PPL 2009)



Disponível em: <[http://patacoadas-do-cleber.blogspot.com/2008/04/histria-em-quadrinhosgrafite-e-seus\\_4121.html](http://patacoadas-do-cleber.blogspot.com/2008/04/histria-em-quadrinhosgrafite-e-seus_4121.html)>. Acesso em 18 jan. 2009.

Nas falas do 1.º e do 3.º quadrinhos, observam-se características que demonstram a intenção do cartunista em adotar uma

- linguagem culta na fala de Ataliba e do cientista, de acordo com as regras gramaticais do português padrão.
- linguagem bastante formal na fala do cientista, com emprego de termos técnicos de sua área de pesquisa.
- variante regional na fala de um dos clones, típica da região brasileira em que os meninos nasceram e foram criados.
- linguagem coloquial na fala dos dois personagens, sem preocupação com as normas da língua, objetivando uma comunicação mais eficaz.
- variação de registro, para distinguir o discurso do cientista da fala de garotos, personagens de gerações diferentes, em situações comunicativas bem diferenciadas.

15. (ENEM 2012) A substituição do haver por ter em construções existenciais, no português do Brasil, corresponde a um dos processos mais característicos da história da língua portuguesa, paralelo ao que já ocorrera em relação à ampliação do domínio de ter na área semântica de “posse”, no final da fase arcaica. Mattos e Siva (2001:136) analisa as vitórias de ter sobre haver e discute a emergência de ter existencial, tomando por base a obra pedagógica de João de Barros. Em textos escritos nos anos quarenta e cinquenta do século XVI, encontram-se evidências, embora raras, tanto de ter “existencial”, não mencionado pelos clássicos estudos de sintaxe histórica, quanto de haver como verbo existencial com concordância, lembrado por Ivo Castro, e anotado como “novidade” no século XVIII por Said Ali.

Como se vê, nada é categórico e um purismo estreito só revela um conhecimento deficiente da língua. Há mais perguntas que respostas. Pode-se conceber uma norma única e prescritiva? É válido confundir o bom uso e a norma da própria língua e dessa forma fazer uma avaliação crítica e hierarquizante de outros usos e, através deles, dos usuários? Substitui-se uma norma por outra?

CALLOU, D. A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado. In: *Cadernos de Letras da UFF*, n. 36, 2008. Disponível em: [www.uff.br](http://www.uff.br). Acesso em 26 fev 2012 (adaptado).

Para a autora, a substituição de “haver” por “ter” em diferentes contextos evidencia que

- o estabelecimento de uma norma prescinde de uma pesquisa histórica.
- os estudos clássicos de sintaxe histórica enfatizam a variação e a mudança na língua.
- a avaliação crítica e hierarquizante dos usos da língua fundamenta a definição da norma.
- a adoção de uma única norma revela uma atitude adequada para os estudos linguísticos.
- os comportamentos puristas são prejudiciais à compreensão da constituição linguística.

Mandinga — Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideram bruxos os africanos que ali habitavam — é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região. Em idioma nativo, *mandinga* designava terra de feitiçeiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.

(COTRIM, M. O pulo do gato 3. São Paulo: Geração Editorial, 2009. Fragmento)

- No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra *mandinga* resulta de que tipo de variação?
- (FUVEST) “A princesa Diana já passou por poucas e boas.  
Tipo quando seu ex-marido Charles teve um love affair com lady Camille revelado para Deus e o mundo.”

(Folha de S. Paulo, 5. nov. 1993.)

No texto acima, há expressões que fogem ao padrão culto da língua escrita.

- Identifique-as.
- Reescreva-as conforme o padrão culto.

“No mundo nom me sei parelha,  
mentre me for como me vai;  
ca ja moiro por vós, e ai!,  
mia senhor branca e vermelha,  
queredes que vos retraia  
quando vos eu vi em saia?  
Mao dia me levantei,  
que vos entom nom vi feia!”

(*Cantiga da Ribeirinha*, Paio Soares de Taveirós)

- No trecho da cantiga trovadoresca acima, temos um exemplo de qual variedade linguística?

#### 19. (ENEM/2014 – ADAPTADA)

Óia eu aqui de novo xaxando  
Óia eu aqui de novo pra xaxar  
Vou mostrar pr’esses cabras  
Que eu ainda dou no couro  
Isso é um desaforo  
Que eu não posso levar  
Que eu aqui de novo cantando  
Que eu aqui de novo xaxando  
Óia eu aqui de novo mostrando  
Como se deve xaxar.  
Vem cá morena linda  
Vestida de chita  
Você é a mais bonita  
Desse meu lugar  
Vai, chama Maria, chama Luzia  
Vai, chama Zabé, chama Raque  
Diz que tou aqui com alegria.

(BARROS, A. Óia eu aqui de novo.

Disponível em Acesso em 5 maio 2013)

A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. Com base nessa afirmação, indique um verso que singulariza uma forma do falar popular regional.

- (UNICAMP) O texto “O FMI vem aí. Viva o FMI”, do articulista Luiz Nassif, publicado na revista *ÍCARO*, está redigido no português culto característico do jornalismo, e contém, inclusive, um bom número de expressões típicas da linguagem dos economistas, como “desequilíbrio conjuntural”, “royalties”, “produtos primários”, política cambial”. No entanto, contém também termos ou expressões informais, como na seguinte frase: “Há um ou outro caso de mudanças estruturais no mundo que deixa os países COM A BROXA NA MÃO”.

**Leia o trecho abaixo e responda a questão.**

Países já chegam ao FMI com todos esses impasses, denotando a incapacidade de suas elites de chegarem a fórmulas consensuais para enfrentar a crise – mesmo porque essas fórmulas implicam prejuízos aos interesses de alguns grupos poderosos. Aí a burocracia do FMI deita e rola. Há, em geral, economistas especializados em determinadas regiões do globo. Mas, na maioria das vezes, as fórmulas aplicadas aos países são homogêneas, burocráticas, de quem está por cima da carne-seca e não quer saber de limitações de ordem social ou política. (...) Sem os recursos adicionais do Fundo, a travessia de 1999 seria um inferno, com as reservas cambiais se esvaindo e o país sendo obrigado ou a fechar sua economia ou a entrar em parafuso. O desafio maior será produzir um acordo que obrigue, sim, o governo e o Congresso a acelerarem as reformas essenciais (ÍCARO, 170, out. 1998).

- a) Transcreva outras três expressões do trecho que tenham a mesma característica de informalidade.
- b) Substitua as referidas expressões por outras, típicas da linguagem formal.

## GABARITO

- |       |       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. B  | 2. B  | 3. A  | 4. E  | 5. B  |
| 6. A  | 7. E  | 8. D  | 9. D  | 10. B |
| 11. C | 12. B | 13. A | 14. E | 15. E |

16.

O texto é marcado pela variação linguística Histórica ou Diacrônica. Esse tipo de variação é marcado pelo desenvolvimento da língua ao longo do tempo. No trecho apresentado, é possível perceber como a palavra “mandinga” foi sendo modificada ao longo da história.

17.

- a) “Poucas e boas”, “tipo quando”.
- b) A princesa Diana já passou por momentos difíceis, como ocorreu quando seu ex-marido Charles teve um love affair com Lady Camille revelado para Deus e o mundo.

18:

A variação diacrônica, também chamada de histórica, é um tipo de variação linguística que ocorre com a passagem do tempo. Por isso, o português utilizado na época medieval é muito diferente do português moderno.

19.

A frase “Vou mostrar pr’esses cabras” tem o mesmo sentido de “Vou mostrar pr’esses sujeitos”. Em determinadas regiões do Brasil, a palavra “cabra” é utilizada para se referir a alguém a quem se desconhece o nome, ou também a um capanga ou camponês.

20.

- a) A informalidade encontra-se em:
  - 1. “deita e rola”
  - 2. “de que está por cima da carne-seca”; e
  - 3. “entrar em parafuso”.
- b) 1. “faz o que lhe agrada”;
- 2. “ter todo poder”; e
- 3. “ficar desorientado”.